

## O lugar da Carta de Tiago no Cânon Bíblico

*The place of the Letter of James in the Biblical Canon*

Cláudio Vianney Malzoni  
Universidade Católica de Pernambuco - Brasil

### Resumo

O objeto do presente estudo é a Carta de Tiago e seu lugar no cânon bíblico. A Carta se situa entre aqueles escritos do Novo Testamento que tiveram mais dificuldade em ver aceita sua canonicidade, tendo sido novamente posta sob suspeita à época da Reforma. Uma vez que a definição de cânon não se restringe à lista dos escritos que compõem a Bíblia, mas também indica a regra de fé expressa por esses escritos, pode-se perguntar se a aporofobia, atitude comum na atualidade, inclusive entre cristãos, não implica tacitamente em novo rechaço à Carta de Tiago, pelo desprezo de seu ensinamento em relação aos pobres. A metodologia usada na investigação foi essencialmente a da pesquisa bibliográfica. Realizado o percurso da apresentação do tema, chegou-se à conclusão de que a Carta de Tiago comporta tal grandeza em seus ensinamentos de modo a sair-se vitoriosa dos percalços pelos quais passou. Passam os problemas, a Carta de Tiago permanece.

### Abstract

The object of the present study is the Letter of James and its place in the biblical canon. The Letter is among those writings of the New Testament that have the most difficulty in having its canonicity accepted, having been put under suspicion again at the time of the Reformation. Since the definition of canon is not restricted to the list of writings that make up the Bible, but also indicates the rule of faith expressed by these writings, one can ask whether aporophobia, a common attitude today, even among Christians, does not tacitly imply in a new rejection of the Letter of James, for the contempt of its teaching in relation to the poor. The methodology used in the investigation was essentially that of bibliographic research. After carrying out the presentation of the theme, it was concluded that the Letter of James contains such greatness in its teachings to emerge victorious from the mishaps through which it passed. The problems pass, the Letter of James remains.

### Palavras-chave

Carta de Tiago.  
Cânon bíblico.  
Fé e obras.  
Justificação.  
Aporofobia.

### Keywords

Letter of James.  
Biblical canon.  
Faith and works.  
Justification.  
Aporophobia.

## Introdução

Está também Saul entre os profetas? (1Sm 10,11). Pergunta semelhante se poderia fazer a respeito da Carta de Tiago: está também a Carta de Tiago entre os escritos canônicos? Pois está e tem aí seu lugar garantido. Todavia, não foi fácil para esse escrito alcançar o reconhecimento de seu status canônico, nem tem sido fácil manter esse reconhecimento.

Nesse texto, o ponto de partida será uma apresentação, ainda que breve, dos termos da questão. Primeiramente, uma palavra a respeito da Carta de Tiago. Em seguida, uma explanação sobre o significado da palavra cânon no contexto dos estudos bíblicos, uma vez que não se trata apenas - o que já não seria pouco - do reconhecimento da inspiração de um determinado escrito, mas também de que nele se encontra a regra (= o cânon) de fé. Para terminar essa primeira parte, juntam-se esses dois ingredientes em uma narrativa resumida do percurso pelo qual passou a Carta de Tiago para seu reconhecimento como escrito canônico.

A canonicidade da Carta de Tiago foi questionada à época da Reforma devido à comparação de Tg 2,14-26, o coração da Carta de Tiago, onde é afirmado que a fé sem obras é morta (Tg 2,17), com os ensinamentos de Paulo sobre a justificação não pelas obras, mas mediante a fé em Jesus Cristo (Rm 3,28). Esse é o tema da segunda parte deste texto. Essa comparação pode ser vista como inadequada uma vez que nem a palavra fé nem a palavra obras adquirem o mesmo significado quando usadas por Tiago e por Paulo. Por outro lado, ela não deixa de ser pertinente, uma vez que tanto os escritos paulinos quanto o escrito de Tiago são, de fato, escritos canônicos e a Sagrada Escritura deve ser interpretada como um todo (DV 12) (CONCÍLIO, 2000, p. 130-131).

Por fim, levanta-se a questão se, atualmente, a indiferença e o desprezo pelos pobres, atitude que se tornou conhecida como aporofobia, infelizmente presente também entre os cristãos, não seria um novo ataque à canonicidade da Carta de Tiago, não no sentido de que se proponha retirá-la da Bíblia, mas no sentido prático de desprezar os ensinamentos desse escrito como regra de fé.

## Apresentação dos termos da questão

Este primeiro ponto, ainda que breve, é essencial. Nele, serão apresentados os termos da questão, ou seja, umas poucas informações fundamentais a respeito

desse escrito do Novo Testamento chamado de Carta de Tiago, o significado da palavra cânon quando aplicada aos estudos bíblicos e o percurso do reconhecimento canônico da Carta.

### A Carta de Tiago

Abrindo o conjunto das cartas católicas, após as cartas paulinas e a Carta aos Hebreus, encontra-se a Carta de Tiago. Seu autor se apresenta com o nome de Tiago (Tg 1,1). Tiago ou Jacó, em sua forma semítica, era um nome comum entre os judeus nos primeiros tempos do cristianismo. Esse é o nome de um dos patriarcas das narrativas do Gênesis. No Novo Testamento, há várias pessoas com esse nome, dentre as quais se destacam: (1) Tiago, filho de Zebedeu, irmão de João, um do grupo dos Doze; (2) Tiago, filho de Alfeu, também do grupo dos Doze; (3) Tiago, o irmão do Senhor, figura eminente na comunidade de Jerusalém nos primeiros tempos do cristianismo, mencionado nos Atos dos Apóstolos (At 12,17; 15,13; 21,18) e na Carta aos Gálatas (Gl 1,19; 2,9.12).

Dessas pessoas de nome Tiago, duas têm sido identificadas como sendo o autor da Carta: Tiago, “o irmão do Senhor”, e Tiago, filho de Alfeu, um dos Doze. O primeiro foi martirizado pelos judeus aproximadamente no ano 62 (At 12,2); do segundo, praticamente não há notícias. As atribuições a um ou ao outro Tiago colocam, no entanto, alguns problemas. Primeiro, na Carta, faltam referências à vida de Jesus, o que seria de se esperar em uma carta escrita por um de seus discípulos. Depois, o grego desse escrito é correto, apresentando uma riqueza de vocabulário; tais características seriam difíceis para o grego de um galileu, que nem o teria como sua língua materna; mas, em contrário, o autor pode ter se servido de um escrivão cuja língua seria o grego. Some-se a isso a canonicidade da Carta aceita em uma época posterior à época da aceitação da canonicidade da maioria dos escritos do Novo Testamento, o que se verá com mais detalhes a seguir. Se fosse uma carta escrita por tão alta personalidade teria sido aceita mais facilmente. Enfim, quanto à datação da Carta, talvez ela tenha sido escrita quando um e outro Tiago já tinham morrido. O mais provável é que a Carta tenha sido escrita por um judeu-cristão helenista, conhecedor do Antigo Testamento, que atribuiu seu escrito a Tiago.

A Carta está endereçada “às doze tribos que se encontram na diáspora” (Tg 1,1). Essa expressão designa cristãos de origem judaica, que vivem no mundo greco-romano, em regiões próximas à Palestina, talvez na Síria ou Egito. Essa hipótese pode ser confirmada pelas referências ao Antigo Testamento presentes na Carta, particularmente da literatura sapiencial, sempre em harmonia com os ensinamentos do Evangelho. Essas referências ocorrem menos na forma de citações explícitas que na forma de utilização de uma tradição oral. Sociologicamente, a Carta se dirige aos pobres (Tg 2,5-6) e aos ricos (Tg 5,1-2).

Quanto à mensagem desse escrito, pode-se pensar em um sábio judeu-cristão que faz uma releitura da tradição sapiencial judaica a partir do evangelho de Jesus Cristo. O autor reflete sobre a fé que se firma na provação e sobre a situação social em que vivem os irmãos. Dessa reflexão, brota a pergunta: o que a fé significa nessa situação social? O autor se coloca ao lado do pobre e critica o rico opressor. Ele condena a discriminação social nas assembleias (Tg 2,1-4) e insiste na responsabilidade social dos irmãos (Tg 2,5-9).

O gênero literário não é, propriamente, o epistolar, mas o homilético, de exortações que se seguem sem um nexos aparente umas com as outras. Esse gênero literário pode ser identificado como o didático-exortativo, influenciado pela tradição sapiencial que carrega suas admoestações com exemplos.<sup>1</sup> O estilo da Carta é rico em comparações tiradas da do cotidiano, como, por exemplo, da pessoa que contempla seu rosto no espelho (Tg 1,23-24), da neblina que se dissipa rapidamente (Tg 4,14) e do lavrador que aguarda o fruto da terra (Tg 5,7). Assim, as exortações são sempre acompanhadas de exemplos, nos quais algumas personagens do Antigo Testamento são citadas: Abraão (Tg 2,21-23), Raab (Tg 2,25), Jó (Tg 5,11) e Elias (Tg 5,17-18).

Para a leitura da Carta, vai proposto, em linhas bem gerais, o seguinte roteiro. Em 1,1, está o endereçamento e a saudação. Depois, vem uma primeira reflexão sobre as provações, a perseverança e a Palavra de Deus (Tg 1,2-27), temas voltam ao longo da Carta. Na sequência, há uma exortação ao respeito pelos pobres; de fato, toda pessoa deve ser respeitada, e os pobres ainda mais (Tg 2,1-9). Segue mais uma reflexão, dessa vez sobre a lei e a misericórdia (Tg 2,10-13).

---

<sup>1</sup> Para Vouga (1996, p. 18), há uma mescla de gêneros literários na Carta: o capítulo 1 segue o estilo das parêneses neotestamentárias, os capítulos 2 e 3 seguem o esquema da diatribe filosófica, os capítulos 4 e 5, por sua vez, têm o estilo dos oráculos proféticos.

Em seguida, está a passagem que tem sido considerada o centro da Carta: a reflexão sobre a fé e as obras e, de modo especial, que a justificação vem também pelas obras e não somente pela fé (Tg 2,14-26). Em bom estilo sapiencial, a Carta avança com diversas reflexões: quem não tropeça no falar torna-se uma pessoa perfeita (Tg 3,1-12); a verdadeira e a falsa sabedoria (Tg 3,13-18); a humildade diante de Deus (Tg 4,1-10); o julgamento pertence somente a Deus (Tg 4,11-12). Na última parte da Carta, o autor faz suas admoestações aos ricos: a busca de riquezas é somente ilusão (Tg 4,13–5,6). Seguem exortações diversas: à paciência (Tg 5,7-11); a não jurar (Tg 5,12); à oração (Tg 5,13-18); à correção do pecador (Tg 5,19-20). A Carta termina sem nenhuma saudação final.

### O cânon bíblico

Um dos capítulos mais interessantes na Teologia Bíblica Fundamental é o da formação do cânon bíblico. Em geral, esse estudo se subdivide em duas partes: a formação do cânon do Antigo Testamento e a formação do cânon do Novo Testamento, na qual se encontra a narrativa do reconhecimento da canonicidade da Carta de Tiago. Antes de entrar nesse tema propriamente dito, é necessário especificar o sentido mais básico e fundamental da palavra cânon.

A palavra cânon vem do grego *kánōn*, e seu significado mais literal é medida (RUSCONI, 2003, p. 249). De acordo com Mannucci (2008, p. 221), o significado primeiro e fundamental de *kánōn* é metro, norma, regra. No Novo Testamento, ocorre apenas nas cartas paulinas (2Cor 10,13.15.16; Gl 6,16). Particularmente interessante, neste momento, é sua atestação em Gl 6,15-16: “Pois, nem a circuncisão é alguma coisa, nem a incircuncisão, mas a nova criatura. E a quantos seguirão sua conduta por essa regra (*kánōn*) paz e misericórdia sobre eles e sobre o Israel de Deus.”<sup>2</sup>

Nos primeiros tempos do cristianismo, até o século III, as atestações da palavra cânon (Clemente Romano, Irineu, Eusébio de Cesareia) diziam respeito à regra de fé ou à regra da verdade “ainda sem uma explícita referência à Sagrada Escritura, embora pressupondo que o conteúdo da “regra” fosse bíblico” (MANNUCCI, p. 2008, p. 222). O uso da palavra cânon no sentido de elenco normativo dos livros inspirados é atestado no Concílio de Laodiceia (360) que

<sup>2</sup> Traduzido do texto grego publicado em NOVO Testamento grego (O) (2009, p. 552).

estabelece que: “na igreja, não devem ser recitados salmos privados nem livros não canônicos, mas apenas os canônicos do Novo e do Antigo Testamento” (cân. 59; EB 11) (ENCHIRIDION, 1956, p. 5). A partir de então, a designação de cânon para o elenco dos livros reconhecidos como inspirados pela Igreja e por ela propostos como norma de fé e de vida passa a ser recorrente (MANNUCCI, 2008, p. 222).

Mais recentemente, o documento “A interpretação da Bíblia na Igreja”, da Pontifícia Comissão Bíblica (1993, p. 85-86), assim se expressa ao tratar do cânon:

Guiada pelo Espírito Santo à luz da Tradição viva que ela recebeu, a Igreja discerniu os escritos que devem ser olhados como Santa Escritura no sentido de que, “tendo sido escritos sob a inspiração do Espírito Santo, eles têm Deus por autor, foram transmitidos como tais à Igreja” (*Dei Verbum*, 11) e contêm “a verdade que Deus, para nossa salvação, quis ver consignada nas Letras sagradas” (*ibid.*).

Em relação aos escritos do Novo Testamento, três fatores são apontados como determinantes para o reconhecimento canônico de um escrito: (1) a convicção de que provém da pregação apostólica, sem que isso implique que tenham sido postos por escrito pelos próprios apóstolos; (2) a constatação da sua conformidade com a regra da fé e a sua utilização litúrgica; (3) sua conformidade com a vida eclesial e sua capacidade de alimentar essa vida (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 1993, p. 86).

### O reconhecimento canônico da Carta de Tiago

Quanto à canonicidade, a Carta de Tiago teve um reconhecimento progressivo. Primeiramente no Egito. Em alguns lugares, não era conhecida, como no Norte da África, e foi contestada em outros lugares, como na Síria. Apenas no final do século IV, ela foi aceita em toda a Igreja. Mas mesmo depois voltou a ser contestada, e Lutero a chamou de “epístola de palha”. Eis os dados da questão.

A Carta de Tiago não é mencionada no Cânon Muratoriano e falta nos principais manuscritos da *Vetus Latina*. Entre os escritores patrísticos, não é citada por Tertuliano, Cipriano, Irineu e Hipólito. Os primeiros vestígios da Carta se encontram no *De virginitate*, do pseudo-Clementino, e no papiro P<sup>20</sup>, em estado fragmentário. Um importante testemunho vem de Orígenes que cita a Carta de Tiago como Escritura, mas que também parece levantar a dúvida de quem seja seu

autor (KÜMMEL, 1982, p. 531). Eusébio refere-se à Carta entre os escritos contestados (*antilegomena*) do Novo Testamento.<sup>3</sup> Na igreja síria, a Carta não fazia parte da Pechita em sua versão original, tendo sido acrescentada posteriormente, mas Teodoro de Mopsuéstia continuou a rejeitá-la. Na igreja grega, a Carta alcançou seu reconhecimento a partir do já mencionado Concílio de Laodiceia. Nas igrejas do Ocidente, sob a influência de Hilário, Jerônimo e Agostinho, a Carta foi reconhecida como canônica pelos sínodos de Roma (382) e de Cartago (397). Jerônimo, contudo, não deixou de levantar dúvidas a respeito da autoria da Carta (KÜMMEL, 1982, p. 531-532).

Na época da Reforma, foram sobre as dúvidas levantadas por Jerônimo que se fundaram seja a reserva cautelosa de Erasmo em relação à Carta, seja a forte polêmica de Lutero contra ela. De acordo com o Reformador, a Carta contradiz Paulo ao ensinar a justificação pelas obras, não prega Cristo, mas a Lei, e se refere a uma fé generalizada em Deus (KÜMMEL, 1982, p. 532). De acordo com Lutero, a Carta de Tiago não pode figurar ao lado dos principais escritos do Novo Testamento: “comparada a estes, ela não passa de uma simples epístola de palha pois que não traz em si nenhuma qualidade de evangelho” (KÜMMEL, 1982, p. 532).<sup>4</sup> Ainda segundo Lutero, a Carta é um escrito desorganizado, judaico e não apostólico, embora contenha umas boas recomendações. Ele teria querido omitir a Carta de sua Bíblia e assim o fez até 1543 (KÜMMEL, 1982, p. 532).

Do lado católico, o Concílio de Trento, retomando um decreto do Concílio de Florença (1441), em sessão de 18 de abril de 1546, definia solenemente o cânon bíblico, no qual estava presente “uma (carta) do apóstolo Tiago” (EB 59) (MANNUCCI, 2008, p. 232-233; ENCHIRIDION, 1956, p. 24).

Do lado protestante, a exegese dos séculos XIX e XX levantou uma série de questionamentos à Carta. Foi questionada sua autenticidade, isto é, sua origem apostólica. Também se levantou a hipótese de que a Carta fora escrita para combater a doutrina de Paulo sobre a justificação pela fé, ou ainda de que não passa de um escrito judaico no qual foi inserido o nome de Cristo (Tg 1,1; 2,1), como um modo de transformá-lo em um livro cristão (KÜMMEL, 1982, p. 532-533). Todavia, é bom se precaver da ideia de que tenha havido uma perseguição à Carta

<sup>3</sup> Os outros escritos do Novo Testamento considerados nessa mesma categoria são as Cartas aos Hebreus, Segunda de Pedro, Segunda de João, Terceira de João, de Judas, e o Apocalipse (MANNUCCI, 2008, p. 223).

<sup>4</sup> A expressão “epístola de palha” é uma referência a 1Cor 3,12 (CANTINAT, 1993, p. 220).

de Tiago da parte da exegese histórico-crítica protestante, uma vez que não houve escrito bíblico que não tenha passado pela mesma crítica pela qual passou essa Carta, de modo especial, quanto a sua autoria.

Nesse percurso, também é bom deixar registradas algumas posições muito positivas em relação à Carta de Tiago. Primeiramente, a alta estima que esse escrito alcançou entre os valdenses. Por causa de sua ética da pobreza, esse escrito foi tomado como um dos textos fundadores do movimento reformador de Pedro Valdes, em fins do século XII e início do século XIII (VOUGA, 2009, p. 517). Também é interessante notar a existência de exegetas que colocaram a Carta entre os mais antigos escritos cristãos, dadas as semelhanças de sua linguagem com certos *logia* dos evangelhos, presentes, de modo especial, no Sermão da Montanha (KÜMMEL, 1982, p. 534). Essa semelhança pode ser considerada um indício de que o material de base da Carta de Tiago provém dos tempos apostólicos, sem que seja preciso identificar o autor da Carta com um do grupo dos Doze.

Feitas as apresentações dos termos da questão, cabe, agora, dar um passo adiante, procurando demonstrar que, embora utilizando as mesmas palavras: fé, obras e justificação, não é seguro afirmar que Paulo e Tiago as utilizem com o mesmo significado, de modo que, ao invés de considerar suas argumentações como opostas uma à outra, antes, elas seriam complementares.

## A epístola de palha

O menosprezo que alguns reformadores manifestaram em relação à Carta de Tiago surge da comparação desse escrito com os escritos paulinos, notadamente com a Carta aos Romanos. É possível fazer essa comparação? Em que condições? Essa questão será aqui abordada em três etapas. A primeira será uma visita a Tg 2,14-26, a perícopé que está no coração da Carta de Tiago; a segunda será uma comparação do uso das palavras fé e obras nos escritos paulinos, notadamente, na Carta aos Romanos, e em Tg 2,14-26; a terceira será a tentativa de harmonização entre o ensinamento sobre a justificação em Paulo e em Tiago.

## O coração da Carta de Tiago: Tg 2,14-26

Nada melhor que começar com a apresentação do texto bíblico ao qual se está referindo, que serve para evitar reflexões à deriva, desancoradas do texto.

Eis, portanto, Tg 2,14-26 em tradução ao português seguida de um breve comentário à perícopé.

2 <sup>14</sup>Qual o proveito há, meus irmãos, em alguém dizer: “Tenho fé, obras, porém, não tenho”. Acaso a fé pode salvá-lo? <sup>15</sup>Se um irmão ou uma irmã estiverem nus e necessitados do alimento cotidiano, <sup>16</sup>e alguém dentre vós lhes disser: “Ide em paz. Aquecei-vos e saciai-vos, mas não lhes derdes as coisas necessárias do corpo, de que isso adianta? <sup>17</sup>Assim também a fé: se não tiver obras, está morta em si mesma. <sup>18</sup>Mas dirá alguém: “Tu tens fé, eu tenho obras”. Mostra-me tua fé sem obras, que eu, a partir das obras, te mostrarei minha fé. <sup>19</sup>Tu crês que Deus é único? Fazes bem. Também os demônios creem, e tremem. <sup>20</sup>Queres, porém, conhecer, ó homem vão, que a fé sem as obras é inútil? <sup>21</sup>Abraão, nosso pai, não foi justificado pelas obras quando ofereceu Isaac, seu filho, sobre o altar? <sup>22</sup>Vês que a fé colaborava com suas obras e que, pelas obras, a fé tornou-se perfeita, <sup>23</sup>e cumpriu-se a Escritura que diz: **Abraão creu em Deus e lhe foi considerado como justiça**, e amigo de Deus ele foi chamado. <sup>24</sup>Vede que por obras é justificado um homem e não por fé somente. <sup>25</sup>Do mesmo modo Raab, a prostituta, não foi também ela justificada por obras ao hospedar os mensageiros e despedi-los por outro caminho? <sup>26</sup>Portanto, assim como o corpo sem espírito está morto, assim também a fé sem obras está morta.<sup>5</sup>

O autor da Carta segue dialogando com os irmãos. É assim que ele chama seus interlocutores (Tg 1,2.16.19; 2,1.5.14; 3,1.10.12; 4,11; 5,7.9.10.12.19). Além disso, ele também cria um interlocutor com quem dialoga diante dos irmãos (Tg 2,18). Esse diálogo é uma controvérsia, pois esse interlocutor imaginário pretende afirmar somente a fé, sem as obras, enquanto o autor da Carta afirma a fé e as obras, ou de modo ainda mais incisivo, que uma fé sem obras seria inútil (Tg 2,20). Nessa controvérsia ele cita dois exemplos: Abraão (Tg 2,21-23) e Raab (Tg 2,25). De fato, em toda a Carta, seu modo de argumentar é sobremaneira pela exemplificação.

As duas palavras que se sobressaem nessa perícopé são *pístis*, fé, e *érgon*, obra. A primeira se faz presente 243 vezes no Novo Testamento, 16 vezes na Carta de Tiago e 11 vezes na perícopé acima. A segunda ocorre 169 vezes no Novo Testamento, 15 vezes na Carta de Tiago e 12 vezes na perícopé acima.<sup>6</sup> A frequência dessas duas palavras não deixa dúvidas de que a perícopé trata da relação entre fé e obras.

Além desses dois substantivos, há o verbo *dikaióō*, justificar, que ocorre 3 vezes na perícopé, que são suas 3 ocorrências na Carta de Tiago, para 39

<sup>5</sup> Traduzido do texto grego publicado em NOVO Testamento grego (O) (2009, p. 653-654). De acordo com essa edição, há três lições variantes a esse texto que merecem alguma consideração, mas nenhuma delas têm importância para o presente estudo.

<sup>6</sup> Em todo este trabalho, as ocorrências de palavras no Novo Testamento grego foram tomadas de CONCORDANCE to the Novum Testamentum Graece (1987).

ocorrências em todo o Novo Testamento. A essa forma verbal, deve-se acrescentar a ocorrência do substantivo *dikaíosynē*, justiça, em Tg 2,23. Essa palavra, com uma só ocorrência na perícopé, ocorre 3 vezes na Carta de Tiago e 92 vezes no Novo Testamento. A atestação de *dikaíosynē*, justiça, em Tg 2,23, tem um valor qualitativo para além do quantitativo: ela se encontra em uma citação de Gn 15,6, versículo que também é citado em Gl 3,6 e Rm 4,3.9.22.

A citação de Gn 15,6 na Carta de Tiago e nas cartas aos Gálatas e aos Romanos aponta para a proximidade que há entre o escrito de Tiago e os escritos paulinos. Essa proximidade é confirmada pela importância que as palavras *pístis*, fé, e *érgon*, obras, têm nesses escritos. Tal proximidade é o tema a ser abordado a seguir.

#### Fé e obras em Tiago e em Paulo

As palavras *pístis*, fé, e *érgon*, obra, aparecem muitas vezes nas cartas paulinas. Nem caberia aqui um elenco dessas ocorrências. Contudo, para que não se venha a fazer uma reflexão que não seja enraizada no texto bíblico, escolheu-se uma sequência de versículos no conjunto das cartas paulinas, na qual estejam bem presentes tanto esses dois substantivos quanto o verbo *dikaioō*, justificar. Essa sequência de versículos é Rm 3,27-31, que consiste na segunda parte da perícopé composta por Rm 3,21-31.

3 <sup>27</sup>Onde há, então, motivo para orgulhar-se? Fica excluído. Mediante qual lei? A das obras? Não, mas mediante a lei da fé. <sup>28</sup>Consideramos, pois, que o homem é justificado pela fé, independente das obras da lei. <sup>29</sup>Ou Deus seria somente dos judeus? Não é também dos gentios? Sim, é também dos gentios, <sup>30</sup>visto que há um só Deus, que justificará a circuncisão a partir da fé e a incircuncisão mediante a fé. <sup>31</sup>Anulamos, então, a lei mediante a fé? Que assim não seja! Antes, confirmamos a lei (BÍBLIA, 2016, p. 379).

Não é o caso de se fazer uma análise pormenorizada desses versículos. Para o presente propósito, basta notar a semelhança de vocabulário com a perícopé anteriormente apresentada: Tg 2,14-26. Ambos, Tiago e Paulo, fazem sua reflexão girar em torno das palavras *pístis*, fé, *érgon*, obra, e *dikaioō*, justificar. No entanto, ainda é possível se perguntar: o significado dado a essas palavras é o mesmo? Há razões para se pensar que não.

Primeiramente, quanto à palavra *pístis*, fé, em Tg 2,14-26, seu significado se aproxima da fé objetiva: o conteúdo do que se crê. É essa noção de fé que permite a Tiago afirmar que “também os demônios creem” (Tg 2,19). A própria formulação

“Tu crês que Deus é único?”, recorda o *Shemá Israel*, de Dt 6,4: “YHWH *elohenu* YHWH *ehad*” (BIBLIA, 1983, p. 297) que, na LXX, se torna: “*Kýrios ho Theós hemón Kýrios heís estin*” (SEPTUAGINTA, 1979, p. 297).

Para Paulo, a fé é uma atitude existencial. É nesse sentido que ele usa as expressões *akoé písteōs*, escuta de fé (Gl 3,2.5), e *hupakoé písteōs*, obediência de fé (Rm 1,5; 16,26). Essa última expressão faz, inclusive, uma inclusão para a Carta aos Romanos.<sup>7</sup> Os versículos acima, tomados dessa Carta (Rm 3,27-31), trazem a afirmação que o homem é justificado pela fé (Rm 3,28). Por homem, compreende-se aqui toda pessoa, tanto judeus quanto gentios (Rm 3,29-30). Percebe-se que a intensão de Paulo é encontrar um meio para que a justificação alcance a todos. A alternativa seria a justificação pela prática da lei. É a essa prática da lei que Paulo se refere com a expressão obras da lei (Rm 3,28). Paulo utiliza a palavra *érgon*, obra, em outros contextos, como, por exemplo, em 1Cor 16,10; quando, porém, se refere à justificação, sua intenção é indicar as obras da lei, ou seja, a prática da lei.

Para Tiago, as obras são as obras de caridade, como vestir o que está nu e dar alimento a quem não o tem (Tg 2,15-16; cf. Mt 25,35-36). Também Paulo conhece esse significado para a palavra obra (Rm 2,7; 2Cor 9,8-9; 1Ts 1,3), mas não é esse o sentido que dá a essa palavra quando está argumentando a respeito da justificação.<sup>8</sup>

Assim, ao usar a palavra *pístis*, fé, e a palavra *érgon*, obra, em Tg 2,14-26, o autor da Carta de Tiago não tem em mente os mesmos significados que essas palavras têm em Paulo quando trata da justificação. Resta, pois, averiguar se ao menos o verbo *dikaióō*, justificar, tem, em Paulo e em Tiago, o mesmo significado e se a citação de Gn 15,6 tem a mesma função nas argumentações desenvolvidas por ambos.

## A justificação em Paulo e em Tiago

<sup>7</sup> A expressão *com fé*, em Tg 1,6 “contrasta com os outros empregos, em que a fé designa o pertencer a uma confissão de fé que não se faz acompanhar de nenhum engajamento existencial [...] Exprime aqui, ao contrário, uma plena convicção e uma certeza inteira” (VOUGA, 1996, p. 48). A esse passo, Davids (2008, p. 1203) acrescenta Tg 2,1: “[a] fé citada em Tiago 1,6 e Tiago 2,1 é a do compromisso pessoal que inclui confiança e obediência; em contraste, a fé mencionada em Tiago 2,14-26 é a ortodoxia sem obras que Tiago vê seus adversários reivindicarem.”

<sup>8</sup> De acordo com Davids (2008, p. 1202-1203), as obras da lei em Paulo são: a circuncisão, a observância dos dias e as prescrições alimentícias.

Já foi notado que o verbo *dikaiōō*, justificar, ocorre 39 vezes no Novo Testamento, sendo 3 dessas ocorrências na Carta de Tiago na perícopre mencionada acima (Tg 2,14-26). Já as cartas paulinas trazem 27 ocorrências, sendo 25 nas proto-paulinas (15 em Romanos, 8 em Gálatas e 2 na Primeira aos Coríntios).

Na perícopre da Carta aos Romanos apresentada acima, o verbo *dikaiōō*, justificar, ocorre 2 vezes. Aí está a afirmação de Paulo que “o homem é justificado pela fé, independente das obras da lei” (Rm 3,28). De fato, todas as ocorrências do verbo *dikaiōō*, justificar, na Carta aos Romanos encontram-se entre os capítulos 2 e 8 (Rm 2,13; 3,4.20.24.26.28.30; 4,2.5; 5,1.9; 6,7; 8,30.30.33), ou seja, estão na primeira parte da Carta (Rm 1,18–8,39), onde Paulo aborda o tema da salvação. A justificação é, pois, um prisma pelo qual a salvação é apresentada. Nesse prisma, é colocado em destaque o ato de justificação do homem, pelo qual ele pode se apresentar diante de Deus não mais como pecador, nem tampouco como justo, mas sim como justificado, o que lhe possibilita uma nova existência. Tal ato de justificação é “dom de sua graça (de Deus), mediante a libertação realizada em Cristo Jesus” (Rm 3,24).

Para Tiago, o verbo *dikaiōō*, justificar, também entra em sua argumentação a respeito da salvação, para demonstrar que a fé sem obras não pode salvar (Tg 2,14), mas não se refere à situação do homem que, existencialmente, pode se apresentar diante de Deus não mais como pecador, mas sim como justificado. A justificação pelas obras em Tiago diz respeito à situação do homem que, crendo, transforma sua existência, assim como Abraão (Tg 2,21-23), assim como Raab (Tg 2,25), assim como aqueles que acolhem o que está nu e o que tem fome (Tg 2,15-16).

A distinção quanto ao uso *dikaiōō*, justificar, em Tiago e em Paulo aparece em filigranas. Para que essa distinção se torne mais clara é preciso considerar toda a argumentação de Paulo sobre a salvação na Carta aos Romanos (Rm 1,18–8,39), incluindo sua reflexão sobre a santificação, quando se refere à in-habitação pelo Espírito (Rm 8,1-13), ou ao deixar-se conduzir pelo Espírito, em Gl 5,16-26. É aí que se vê que também para Paulo a fé sem obras é inútil (cf. Tg 2,20). A salvação, que na justificação é graça em potência, na santificação, torna-se graça em ato.

Falta ainda uma breve palavra sobre as citações de Gn 15,6 na Carta de Tiago e nas cartas aos Gálatas e aos Romanos. Em Tg 2,23, a citação encontra-se na

exemplificação a partir de Abraão. Nele, obras e fé vão juntas (Tg 2,21-23). Nas cartas aos Gálatas (Gl 3,6) e aos Romanos (Rm 4,3), ao contrário, a justificação de Abraão é apresentada antes de qualquer obra. O autor da Carta de Tiago tinha se referido ao sacrifício de Isaac (Gn 18,22), que, na estrutura narrativa do Gênesis, vem após Gn 15,6. Vê-se que as referências a Gn 15,6 nas cartas paulinas estão mais de acordo com a sequência narrativa do Gênesis.

Não é possível ter certeza se o autor da Carta de Tiago conheceu os escritos paulinos. A resposta a essa questão também depende da datação da Carta de Tiago, embora esse não seja um fator determinante. Vouga situa a composição da Carta em fins do século I ou inícios do século II e, segundo ele, os conflitos entre Paulo, Pedro e Tiago, testemunhados na Carta aos Gálatas já são coisas do passado. Para Vouga (1996, p. 28), “Tg está muito próximo de Paulo: não é com o próprio Paulo que Tg está em discussão, mas com pessoas que se servem dos conceitos paulinos para negar toda consequência de sua fé sobre suas opções e decisões”. Posição muito semelhante é defendida por Kümmel (1982, p. 538), para quem “o conhecimento das epístolas paulinas por parte dele (de Tiago) é muito pouco provável. Tiago está lutando contra um ‘Paulo que se tornou formalizado’”.<sup>9</sup> Davids (2008, p. 1201), por sua vez, assinala que essa tornou-se a posição mais comum entre os estudiosos modernos, que “afirmam que Tiago conhecia apenas um paulinismo mal compreendido”.

De fato, muito se tem discutido sobre as relações da Carta de Tiago com a teologia paulina. Três posições principais têm sido defendidas: a) o autor da Carta conhece a teologia paulina da justificação somente pela fé e polemiza com essa teologia; b) o autor da Carta escreve em outro ambiente, alheio ao debate de Paulo com o judaísmo e com o judeu-cristianismo de tipo judaizante; c) o autor da Carta conheceu uma radicalização da teologia paulina que, em nome da fé, desprezava as obras. A resposta a essa questão não pode ser conclusiva de modo que o debate permanece. Enfim, o cânon do Novo Testamento preservou tanto as cartas paulinas que insistem sobre a justificação pela fé, quanto a Carta de Tiago que afirma que “a fé sem obras está morta” (Tg 2,26).

---

<sup>9</sup> As últimas palavras são uma citação de G. Eichholz, *Jakobus und Paulus: ein Beitrag zum Problem des Kannons*. *Theologische Existenz heute*, NF 39, 1953, p. 38.

## Uma nova ameaça à Carta de Tiago

As suspeitas levantadas contra a Carta de Tiago, que questionavam sua canonicidade, já são coisa do passado. Por outro lado, o escrito pode estar passando por um novo ataque, indireto e sutil, que vem da recusa em aceitar seu ensinamento sobre a acolhida dos pobres. Esse último enfoque será tratado em duas partes: o que a Carta de Tiago ensina em relação à acolhida dos pobres e o que caracteriza a aporofobia, ou seja, o ódio aos pobres ou a indiferença em relação a eles, e como essa atitude se contrapõe ao que ensina a Carta de Tiago.

### A acolhida aos pobres na Carta de Tiago

A acolhida aos pobres não é um dos temas da Carta de Tiago, importante ao lado de outros temas igualmente importantes. Ao invés disso, tal acolhida é um viés pelo qual é apresentado o tema da Carta como tal. Nas palavras de Vouga (1996, p. 22), “[a] interrogação que atravessa toda a epístola é: como o ser humano cumpre sua vocação e onde encontra definitivamente sua dignidade?” Assumindo essa perspectiva de leitura da Carta, propõe-se uma resposta: na acolhida aos pobres o ser humano realiza sua vocação. Essa não é a única resposta possível, uma vez que a Carta permite encontrar outras respostas. O que a pergunta tem de bom é ser aglutinadora de todas as possíveis respostas. A visão fragmentária da Carta cede lugar a uma visão a partir de um princípio unificador.<sup>10</sup>

Paralela à acolhida aos pobres, está a crítica radical aos ricos. Não que sejam duas invectivas diversas. Na raiz de ambas está uma mesma convicção: a riqueza não garante a vida do homem; ao invés de ser um auxílio para que realize sua vocação, é um obstáculo. Essa questão perpassa toda a Carta. A modo de exemplo, uma sequência de dois versículos será tomada na qual a acolhida aos pobres está presente: Tg 1,26-27:

1 <sup>26</sup>Se alguém se considera uma pessoa religiosa, mas não refreia sua língua, engana seu coração; sua religião é vã. <sup>27</sup>Religião pura e sem mancha diante de Deus e Pai é esta: amparar órfãos e viúvas em suas tribulações e guardar-se do mundo sem se deixar contaminar.<sup>11</sup>

Esses dois versículos podem ser tomados como uma perícopie em si, ou como os versículos finais de uma perícopie que começou no versículo 19a ou 19b. Neles,

<sup>10</sup> Assumir que há um tema central que perpassa toda a Carta não significa afirmar que haja uma estrutura ordenada na Carta, comumente identificada pela sua desorganização ou pela justaposição de exortações sem ligação aparente umas às outras. Ver a esse respeito CANTINAT, 1993, p. 217-218.

<sup>11</sup> Traduzido do texto grego publicado em NOVO Testamento grego (O) (2009, p. 652).

ocorre a palavra *thrēskeía*, traduzida acima por religião, que pode igualmente ser traduzida por culto (RUSCONI, 2003, p. 227-228). Ela ocorre duas vezes nesses versículos e ainda em At 26,5 e Cl 2,18, que são suas quatro ocorrências no Novo Testamento. O adjetivo *thrēskós*, *religioso*, tem em Tg 1,27 sua única atestação no Novo Testamento.

O pequeno trecho trata de religiosidade e religião. Em primeiro lugar, para ser uma pessoa religiosa é preciso saber refrear a língua. Essa afirmação vem na sequência de uma explanação sobre ser praticante da palavra e não somente seu ouvinte (Tg 1,22-25) e será desenvolvida em Tg 3,1-12. Refrear a língua é condição para que alguém possa se considerar uma pessoa religiosa, caso contrário, sua religião é vã (Tg 1,26). Tirando essa condição formulada de maneira negativa (não refreia), vem outras duas formuladas de maneira afirmativa, que caracterizam a religião pura e sem mancha diante de Deus e Pai. A primeira é amparar órfãos e viúvas, a segunda é guardar-se do mundo (Tg 1,27).

Órfãos e viúvas são protótipos da categoria de atribulados em todo o Antigo Testamento. Abrindo a Bíblia, a primeira atestação dessa dupla está no Código da Aliança, em Ex 22,21: *kol-almānāh wayatrôn lō' tē'annûn* (BIBLIA, 1990, p. 123), *A nenhuma viúva e a nenhum órfão afligirás*. A eles, algumas vezes, se acrescenta o estrangeiro, como em Dt 10,18: *'ōseh mišpaṭ yātôm wə'almānāh wə'ōhēh gēr lātet lô lehem wāsimlāh* (BIBLIA, 1983, p. 304), *Respeitarás o direito do órfão e da viúva e agirás com generosidade para com o estrangeiro que vive em teu meio, para que tenha pão e veste*. Vê-se como Tg 2,15-16 ecoa essa preocupação de que a ninguém falte alimento e roupas.

Guardar-se do mundo, sem se deixar contaminar é guardar-se da cobiça que provoca guerras e rixas (Tg 4,1-2). São os ricos aqueles que estão mais vulneráveis a se deixarem contaminar pela cobiça que vem do mundo, a ponto de reter o salário dos trabalhadores que ceifaram suas terras, de viverem entregues ao luxo e aos prazeres, e de condenar e matar o justo que não tem como lhes resistir (Tg 5,4-6). A concupiscência pode contaminar também os pobres, de modo que aqueles dentre esses que se deixaram levar por ela, se não praticam essas mesmas coisas, é porque não têm os meios para fazê-lo.<sup>12</sup>

<sup>12</sup> Para Vouga (1996, p. 27-28), o autor da Carta se dirige “a pessoas que vivem em situação precária, mas que são livres [...] Não têm meios para levar uma vida desregrada [...], mas veem com inveja aqueles que, à sua volta, tiveram êxito”.

Esses são alguns dos ensinamentos sobre a acolhida dos pobres na Carta de Tiago.

### O rechaço aos pobres no mundo atual

A aversão aos pobres não é uma realidade de agora. Sempre existiu. Na atualidade, essa atitude ganha novos contornos. É possível que isso aconteça devido à planetarização, ou seja, vive-se cada vez mais em um só planeta e um número considerável de pessoas pobres busca refúgio em países ricos ou em áreas de concentração de pessoas ricas nos países pobres. Esse movimento rompe o isolamento ao qual os pobres estavam relegados e os torna visíveis. Esse não é um fenômeno massivo, mas tem sido importante o suficiente para despertar o sentimento de ódio contra os pobres e atitudes de rechaço contra eles, não apenas de indivíduos, mas, sobretudo, de coletividades.

Para caracterizar o que chamou de aversão sistêmica aos pobres e à pobreza, a filósofa espanhola Adela Cortina criou a palavra aporofobia, a partir da união de duas palavras gregas: *áporos*, com o sentido de pobre, e *fobia*, com o sentido de aversão, receio, ódio.<sup>13</sup> Cortina cria essa palavra a partir da observação de que a xenofobia, ou seja, a aversão ao estrangeiro, não acontece em relação ao turista, mas em relação ao imigrante e ao refugiado. Em outras palavras, manifesta-se quando o estrangeiro é pobre (PEDROSA-PÁDUA, 2019, p. 1486).

Em seu livro *Aporofobia, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia* (2020), Cortina desenvolve sua teoria que, em sua complexidade, não cabe explicitar aqui. Ela apresenta também propostas para superar tal situação. Teoricamente, seu ponto de partida é uma conceituação da pobreza, que seria “a falta de liberdade, a impossibilidade de levar a cabo os planos de vida que uma pessoa tenha razões para valorizar” (CORTINA, 2020, p. 49).<sup>14</sup>

O livro de Cortina teve grande repercussão e provocou o aparecimento de muitos estudos. Suas intuições, sua argumentação e suas propostas encontraram ampla aceitação e ecoaram em muitas áreas. No cinema, pode-se citar o artigo de F. Ramón Fernández e J. Prósper Ribes, *Aporofobia, segregación y descenso a los infiernos*, que faz uma leitura do filme sul-coreano *Parasita*, de Bong Joon-ho

<sup>13</sup> No grego do Novo Testamento, o adjetivo *aporós*, pobre, não é usado; o substantivo *aporía* ocorre apenas em Lc 21,25, com o sentido de angústia; o verbo *aporéō* ocorre seis vezes ou com o sentido de estar angustiado (Mc 6,20; Lc 24,4; Jo 13,22; At 25,20; 2Cor 4,8) ou estar perplexo (Gl 4,20).

<sup>14</sup> Esse conceito de pobreza é tomado do economista indiano Amartya Sen (PEDROSA-PÁDUA, 2019, p. 1490).

(2019), a partir do conceito criado por Cortina. Suas palavras também ecoam neste comentário: “A aporofobia é uma condição sistêmica, ou seja, não é um acaso ou um acontecimento isolado [...] Odiar as representações de pobreza faz parte da própria sociedade na qual estamos inseridos” (DEUS, 2020, p. 133).

Sem utilizar a palavra aporofobia, o papa Francisco (2021, p. 56) também faz a denúncia desse esquecimento, por exemplo, quando escreve este comentário à parábola do bom samaritano:

De imediato, a parábola nos faz voltar o olhar claramente para aqueles que passam distantes. Essa perigosa indiferença que leva a não parar, inocente ou não, fruto do desprezo ou de uma triste distração, faz das duas personagens - o sacerdote e o levita - um reflexo não menos triste daquela distância menosprezadora que isola da realidade. Há muitas maneiras de passar ao largo, que são complementares: uma é ensimesmar-se, desinteressar-se dos outros, ficar indiferente; outra seria olhar só para fora. Relativamente a essa última maneira de passar ao largo, em alguns países ou em certos setores deles, verifica-se um desprezo pelos pobres e por sua cultura, bem como um viver com o olhar voltado para fora, como se um projeto de país importado procurasse ocupar o seu lugar. Assim se pode justificar a indiferença de alguns, pois, aqueles que poderiam tocar os seus corações com as suas reivindicações simplesmente não existem; estão fora do seu horizonte de interesses (FT, 73).

Infelizmente, os sentimentos e as atitudes que caracterizam a aporofobia também podem ser encontrados entre cristãos, muito embora - e isso é preciso afirmar com toda clareza - nunca tenham sido predominantes entre seguidores e seguidoras de Jesus. De fato, “a fé não pode se vestir de silêncio enquanto os gritos dos que sofrem ressoarem estridente em nossos ouvidos. Não os ouvir é o mesmo que negar a audição para a palavra de Deus que conclama os cristãos e cristãs a um posicionamento de claro acolhimento e promoção da vida dos que a têm ameaçada” (MAYER, 2021).

## Considerações Finais

A aporofobia pode ser apontada como um novo ataque ao reconhecimento canônico da Carta de Tiago. Não se trata de uma postura teórica, mas sim de uma postura prática. A questão aqui não é mais a do desconhecimento, que parece ter existido nas igrejas do Ocidente e da Síria-Mesopotâmia, nos primeiros séculos, nem o menosprezo da Carta quando comparada aos escritos paulinos, atualmente superado pelo estudo aprofundado dos termos comuns usados por Paulo e Tiago em seus significados em si e em seus respectivos contextos. A questão agora é a do

rechaço do ensinamento da Carta sobre a acolhida dos pobres como regra (cânon) de fé e conduta.

No entanto, convém destacar que a Carta de Tiago aparece como muito bem enraizada nas Sagradas Escrituras. Vez por outra, foram destacadas as ressonâncias veterotestamentárias da Carta. Elas são tantas que também já se levantou a hipótese de que a Carta de Tiago fosse originalmente um escrito judaico. Também se chamou a atenção para as semelhanças da Carta com a tradição sinótica: determinados *logia* de Jesus que parecem estar na base tanto da redação dos evangelhos, sobretudo, daquele segundo Mateus, como da Carta de Tiago. O ensinamento da acolhida aos pobres não é exclusividade da Carta de Tiago, mas está presente, como um rio subterrâneo, em toda a Bíblia.

Desse modo, desprezar esse ensinamento é mais do que não reconhecer a autoridade da Carta de Tiago enquanto norma de fé e de vida, uma vez que esse desprezo se estenderia, conseqüentemente, a todas as passagens das Sagradas Escrituras que trazem essa mesma *didaché*, palavra grega que se pode traduzir por ensinamento ou doutrina.

## Referências

BÍBLIA (A): *Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2016. 1ª reimpressão.

BIBLIA Hebraica Stuttgartensia: *Exodus et Leviticus*. Praeparavit G. Quell. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1990.

BIBLIA Hebraica Stuttgartensia: *Numeri et Deuteronomium*. Praeparaverunt W. Rudolph; J. Hempel. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1983.

BONG, Joon-ho (Diretor). *Parasita* (filme). Barunson E&A; CJ Entertainment.

CANTINAT, J. La lettera di Giacomo. In: GEORGE, A.; GRELOT, P. *Introduzione al Nuovo Testamento. 3. Le lettere apostoliche*. Edizione italiana a cura de R. Fabris. Roma: Borla, 1993; p. 217-234.

CONCÍLIO Vaticano II. Constituição dogmática Dei Verbum sobre a revelação divina. In: *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. Introdução e índice analítico de Boaventura Kloppenburg. Coordenação geral de Frederico Vier. Petrópolis: Vozes, 2000. 29ª edição; p. 119-139.

CONCORDANCE to the *Novum Testamentum Graece of Nestle-Aland*, 26th edition, and to the Greek New Testament, 3rd edition. Berlin; New York: de Gruyter, 1987.

CORTINA, Adela. *Aporofobia, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia*. Tradução D. Febre. São Paulo: Contracorrente, 2020.

DAVIDS, P. H. Tiago e Paulo. In: HAWTHORNE, G. F.; MARTIN, R. P.; REID, D. G. (org.) *Dicionário de Paulo e suas cartas*. Tradução B. T. Lambert. São Paulo: Vida Nova, Paulus, Loyola, 2008; p. 1201-1205.

DEUS, F. R. de. O conceito “aporofobia” de Adela Cortina: reflexões sobre a sistêmica aversão aos pobres e a (sic.) pobreza. In Anãsi: *Revista de Filosofia*, Salvador, v. 2, n. 1, p. 123-136, 2020. Disponível em: <<https://revistas.uneb.br/index.php/anansi/article/view/12232/8240>> Acesso em: 07 set. 2022.

ENCHIRIDION Biblicum: *documenta ecclesiastica Sacra Scripturam Spectantia. Auctoritate Pontificiae Commissionis de Re Biblica edita*. Neapoli: M. D’Auria Pontificius Editor; Romae: Editiones Comm. A. Arnodo, 1956. Editio tertia aucta et recognita.

FRANCISCO, PP. *Carta encíclica Fratelli tutti sobre a fraternidade e a amizade social*. Tradução oficial da Santa Sé. São Paulo: Paulinas, 2021. 2ª reimpressão.

KÜMMEL, W. G. *Introdução ao Novo Testamento*. Tradução da 17ª edição inteiramente refundida e aumentada por P. Feine e J. Behm por I. F. L. Ferreira e J. Paixão Neto. São Paulo: Paulus, 1982.

MANNUCCI, V. *Bíblia, palavra de Deus: curso de introdução à Sagrada Escritura*. Apresentação de L. Alonso Schökel. Tradução Luiz João Gaio. Revisão literária e exegetica A. Alvarez. São Paulo: Paulus, 2008. 4ª edição.

MAYER, T. da S. Miséria acima dos pobres. E os cristãos? In: *Dom total*, 02/02/2021. Disponível em: <<https://domtotal.com/noticias/index.jsp?id=1497191>> Acesso em: 07 set. 2022.

NOVO Testamento grego (O): com introdução em português e dicionário grego-português. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft; Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009. 4ª edição revisada.

PEDROSA-PÁDUA, L. A opção preferencial pelos pobres diante da aporofobia: reflexões antropológicas para uma atualização da opção de Puebla. In *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 17, n. 54, p. 1479-1502, set./dez. 2019. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/21128>> Acesso em: 07 set. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2019v17n54p1479>.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1994.

RAMÓN FERNÁNDEZ, F.; PRÓSPER RIBES, J. *Aporofobia, segregación y descenso a los infiernos*. Ética y Cine, Córdoba, v. 11, n. 1, p. 31-39, 2021. Disponível em <<https://revistas.unc.edu.ar/index.php/eticaycine/article/view/32570/33285>> Acesso em: 07 set. 2022. DOI: <https://doi.org/10.31056/2250.5415.v11.n1.32570>.

RUSCONI, C. *Dicionário grego do Novo Testamento*. Tradução I. Rabuske. São Paulo: Paulus, 2003.

SEPTUAGINTA: is est Vetus Testamentum graece iuxta LXX interpretes. Edidit Alfred Rahlfs. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1979.

VOUGA, F. *A Carta de Tiago*. Tradução M. Bagno. Supervisão exegética J. Konings. São Paulo: Loyola, 1996.

Trabalho submetido em 24/02/2023

Aceito em 25/03/2023

Cláudio Vianney Malzoni

Universidade Católica de Pernambuco - Brasil

Doutor em Ciências Bíblicas pela Escola Bíblica e Arqueológica Francesa de Jerusalém (2002). Atualmente é professor e pesquisador na Universidade Católica de Pernambuco.